

Lírio Ferreira fala das referências de sua cinefilia



PÁGINA 3

'TOC TOC', uma comédia cheia de manias (e risos)



PÁGINA 4

Titãs abraça estética expressionista em seu novo clipe



PÁGINA 5

2º CADERNO

Uma estreia antes da *bora H*

Jesuíta Barbosa dá vida a Ney Matogrosso na cinebiografia dirigida por Esmir Filho

Azul Serra/Divulgação

'Homem com H, a aguardada cinebiografia de Ney Matogrosso, tem pré-estreia nacional nesta quarta-feira

Por Affonso Nunes

Diante do grande interesse do público, "Homem com H" terá sessões antecipadas em salas de cinema de todo o país nesta quarta-feira (30). A estreia oficial está marcada para o dia 1º de maio, e os ingressos já estão disponíveis no site da distribuidora Paris Filmes.

Grande promessa de tornar-se mais um blockbuster nacional, o longa inspirado na trajetória de Ney Matogrosso é protagonizado por Jesuíta Barbosa e dirigido por

Esmir Filho. A narrativa acompanha a vida de Ney de Souza Pereira desde a infância, em Bela Vista (MS), até sua consagração como um dos artistas mais singulares da música brasileira.

Criado em um ambiente marcado pela rigidez do pai militar, Ney buscou desde cedo a liberdade como forma de resistência. "Toda a repressão que ele sofreu do pai fez aflorar esse ser livre", observa o diretor. A chegada a São Paulo e a estreia como vocalista dos Secos e Molhados, um dos grupos mais ousados e inovadores da música brasileira, foram marcos de sua trajetória artística e pessoal.

Ao ambientar parte da história durante o período da ditadura, o filme revela como

a vida e a arte de Ney se entrelaçam com o desejo de liberdade de um país sob opressão. Desafiando padrões e preconceitos, ele construiu um estilo próprio, inconfundível.

"Eu interpreto Ney dos 17 aos quase 50 anos. Ele tem uma energia muito viva e uma ética muito clara em tudo o que faz", comenta Jesuíta Barbosa, que surge em cena com figurinos inspirados no universo animalesco e maquiagem influenciada pelo Kabuki japonês.

Além da carreira, "Homem com H" também aborda os afetos de Ney Matogrosso. Entre os amores retratados estão Cazuzu e Marco de Maria, seu companheiro por mais de uma década. A trilha sonora costura momentos marcantes com canções como "Rosa de Hiroshima", "Sangue Latino", "O Vira", "Postal de Amor", "Encantado" e a faixa-título.

O longa recria apresentações históricas, como o show dos Secos e Molhados

na Casa de Badalação e Tédio, em 1972, e espetáculos emblemáticos da carreira solo de Ney, como "Homem de Neanderthal", "Bandido", "A Luz do Solo", "As Aparências Enganam" e o recente "Bloco na Rua".

Ney acompanhou as filmagens de perto e colaborou com a produção, sem interferir nas decisões criativas. Ele gravou uma versão inédita de "O Mundo é um Moinho", acompanhado por João Camareiro ao violão, e dublou Jesuíta Barbosa em algumas cenas. Todas as demais faixas são fonogramas originais dublados pelo ator.

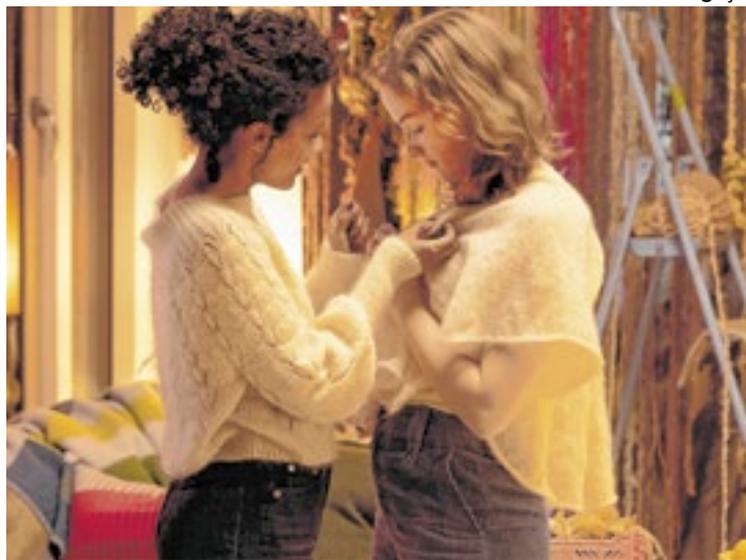
"Sou feliz por ser quem sou e por fazer o que faço. Este filme é uma pedra a mais nessa construção. É a primeira vez que me vejo representado em uma ficção. Sei que a história completa não cabe em uma ou duas horas, mas fico feliz de estar por perto para colaborar e garantir que o resultado dialogue com a minha verdade", afirmou Ney durante as gravações.

CORREIO CULTURAL

Lirismo à norueguesa

Ganhador do Urso de Ouro da Berlinale, 'Dreams (Sex Love)' tem sessões no Brasil na grade do Festival de Cinema Europeu da Imovision, que garimpa pérolas do Velho Mundo

Divulgação



Uma instrutora (Selome Emmetu) vira o objeto de desejo de uma aspirante a escritora (Ella Overbye) em 'Dreams (Sex Love)'



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ciente de ter marcado um golaço em prol das salas de exibição quando adquiriu o ganhador do Urso de Ouro da última Berlinale, a distribuidora Imovision ficou confiante no apelo comercial de sua dimensão romântica e assegurou uma série de sessões da joia norueguesa "Dreams (Sex Love)", em diferentes cidades brasileiras. Há 35 praças ao todo na grade de seu Festival de Cinema Europeu, que serve como um aperitivo para a futura estreia desse lon-

ga-metragem, e de outras atrações como "Emmanuelle", de Audrey Diwan, e "A Luz", de Tom Tykwer. Dag Johan Haugerud, cineasta nascido em Eidsberg há 60 anos, é quem assina a direção desse drama sobre o benquerer. Na quarta, há sessões dele no Rio agendadas no Cine Santa Teresa (17h); no Cine Carioca José Wilker (17h50); nos Kinoplexes Leblon (18h45) e Fashion Mall (17h45); e no Cinemark Downtown (18h40). Essa mostra com a mirada voltada para o Velho Mundo se encerra no dia 30. Nessa data, o xodó do Festival de Berlim tem mais uma sessão em Niterói, no Reserva Cultural, às 17h40.

Em fevereiro, a produção explodiu nas telas da competição oficial da Berlinale como o mais fofos concorrentes exibidos. Formou-se um fã-clube em torno desse

painel geracional da juventude escandinava que o define como um retrato essencial para o amor queer. Na ativa desde 1998, Dag virou um ímã de holofotes depois de sua vitória na Alemanha. "Acredito que saber olhar o outro é um caminho essencial para se criar uma dramaturgia que traduza o nosso tempo", diz Haugerud ao Correio, apoiado na força de um elenco encabeçado pela jovem Ella Overbye e pela veterana Anne Marit Jacobsen.

Enxuto, "Dreams (Sex Love)" é parte de um projeto que Dag idealizou a fim de entender modos de amar, de gozar e de temer o querer. Ele integra uma trilogia antecedida por "Sex" e "Love", ambos de 2024, já lançados por aqui. Antes, a notabilidade do cineasta vinha de "Nossas Crianças" (2019). Agora, assume um lugar de relevo no audiovisual de uma pátria conhecida pela diva bergmaniana Liv Ullmann. Seu país gerou vozes autorais como Joachim Trier ("A Pior Pessoa Do Mundo"), Erik Poppe ("Utoya 22 de Julho"), Maria Sodahl ("Ficaremos Bem"), Kare Bergstrom ("O Lago dos Mortos") e Hans Petter Moland (de "O Cidadão do Ano").

"Embora a Noruega seja um país de mente aberta, enfrentamos questões em nosso dia a dia, ligadas à aceitação a angústias comportamentais, que são desafiadoras", disse Haugerud.

Na trama de "Dreams (Sex Love)", ele faz uma ode à literatura ao narrar o processo de escrita de uma adolescente (Ella) no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha, que jamais a enxerga com desejo. "Se a partir do exercício literário, uma pessoa for capaz de reescrever quem é, ela pode criar uma representação melhorada de si melhor", disse Haugerud. "A literatura é um instrumento de reinvenção".

Divulgação



Ralph Fiennes foi indicado ao Oscar por sua atuação

Morte do papa Francisco devolve 'Conclave' ao circuito

"Conclave", o Oscar de roteiro adaptado, voltou aos cinemas do Brasil dias após a morte do papa Francisco.

Como o nome do longa de Edward Berger sugere, a trama é um thriller político que acompanha a escolha do líder da Igreja Católica nos dias que sucedem a morte do papa da ficção. Justamente por jogar luz

sobre um ritual complexo e mantido distante dos olhos do público, o filme vem chamando a atenção.

A distribuidora do longa no Brasil, a Diamond Films, anunciou que cerca de 60 salas de cinema, de 40 cidades de todo o país, receberam novas sessões de "Conclave", três meses depois de sua estreia original.

Fala polêmica

Ted Sarandos, CEO da Netflix, disse que a gigante do streaming está salvando Hollywood. Sua fala gerou críticas na indústria. Segundo o empresário, a plataforma garante público a obras que, até então, teriam simplesmente desaparecido.

Fala polêmica III

Questionado se a experiência de ir ao cinema e ver um filme de forma coletiva era uma ideia obsoleta, o CEO disse que sim, mas com ressalvas. "Eu acredito que é uma ideia antiquada para a maioria das pessoas, mas não para todas."

Fala polêmica II

Ele destaca a existência de espectadores em áreas rurais, distantes de salas de cinema, e que agora teriam a oportunidade de assistir a um leque mais variado de obras. "Nós entregamos a programação da maneira que você quer ver", garante.

Fala polêmica IV

Polêmicas à parte, a Netflix é líder absoluta do streaming com cerca de 270 milhões de assinantes em mais de 190 países. Os números são do primeiro trimestre deste ano. No ano passado, a receita anual da plataforma ultrapassou os US\$ 40 bilhões.

ENTREVISTA / LÍRIO FERREIRA, CINEASTA

Mariana Canhisares/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Rastreando resquícios de Ferreira Gullar (1930-2016) em terras distantes (como Moscou) para o projeto “Rabo de Foguete”, sobre o êxodo do poeta maranhense em pátria estrangeira, Lírio Ferreira regressa aos cinemas com uma ficção. Volta com um quase faroeste, que para uma leva polpuda da crítica - e de seu fã-club - é seu melhor filme nos últimos 20 anos. “Serra das Almas” tem um quê do “Onde Os Fracos Não Têm Vez” que encheu os Irmãos Coen de Oscars em 2008. Como no cult americano dos manos Joel e Ethan, há uma fortuna roubada (no caso, em joias); há gente disposta a matar para se apoderar desses valores; há um bicho solto tão perigoso quanto o Anton Chigurh de Javier Bardem. O Correio da Manhã só não pode te dizer quem é, para não dar spoiler. Podemos assegurar, contudo, que tem um elenco em estado de graça em cena, sobretudo Ravel Andrade, no papel de Gislando.

Na trama, é ele quem junta um bando de amigos desajustados para roubar pedras preciosas, num golpe que descamba para uma comédia de erros com direito até a uma vaca. Existe um político corrupto até o osso (papel que Bruno Garcia devora com uma fome de anteontem e com um brilho de “para sempre”) que é atingido nesse rolê criminoso.

Na “Serra das Almas” de Lírio, ressecada na fotografia dionisíaca de Pedro von Krüger, um senso muito peculiar de “dignidade” se faz notar numa repórter idealista que persegue um escândalo (papel de Julia Stockler). Nota-se ética (ou quase) no motoboy de passado nebuloso vivido por Vertin Moura em interpretação meticulosa e na cantora cansada de desilusões muito bem construída pela atriz Mari Oliveira. Desse bonde de tipos, o realizador do seminal “Baile Perfumado” (1996), rodado em duo com Paulo Caldas, cria



‘Alguns filmes me tatuaram e me impregnaram de ideias’

um microcosmos do Brasil.

Na entrevista a seguir, a produção, escrita por Paulo Fontenelle, Audemir Leuzinger e Maria Clara Escobar e laureada com o Prêmio Netflix na Mostra de São Paulo, é dissecada por Lírio.

De onde vem, conscientemente, o perfume de western que suas ficções, como “Árido Movie” e, agora, “Serra das Almas”, têm, ainda que dialogando com matrizes mais contemporâneas ou modernas do gênero?

Lírio Ferreira: Acho que vem

da minha cinefilia. Eu acho que vem dos filmes que marcaram os cineclubes ao longo da minha vida de cinéfilo. Acho que alguns filmes me marcaram. De certa maneira, alguns filmes me tatuaram e me impregnaram de ideias. Eu acho que o “Árido...”, o “Acqua Movie”, e sobretudo, o “Serra das Almas”, são multigêneros. “Serra” brinca seriamente com as fronteiras dos gêneros do cinema. É um filme de aventura, é filme de ação, é filme de terror, é thriller e é um faroeste. Se existem essas referências ou se as pessoas, assistindo ao filme,

encontram-se nessas referências, eu já fico bem satisfeito.

De que forma um filme como “Serra das Almas” te dá a chance de discutir honestidade e crime num país tão assolado pela corrupção quanto o Brasil?

Esse signo dos (personagens) desajustados, que “Serra” tem, é uma coisa bem pertinente ao faroeste americano. Jorge Furtado (diretor de “Ilha das Flores”) falava que, na época das locadoras de vídeo, tinha gênero de filme de tudo quanto era tipo, mas tinha uma

estante particular que era chamada “cinema brasileiro”. Parecia que o cinema brasileiro era um gênero só. Era como se fosse vetado, aos cineastas brasileiros, o direito de mexer com gêneros. Tanto que nós temos poucas incursões em certos filões. Acho que o “Serra das Almas” muda isso, pois o cenário atual do país possibilita essa mudança. Esse filme foi feito numa transição de governo (da Era Bolsonaro para a Era Lula), na volta de uma certa esperança. Na época em que a gente filmou, se os resultados das eleições fossem outros, o filme teria, provavelmente, um outro final, talvez, não tão esperançoso. Esse filme consegue espelhar espelha o desajuste moral e ético que existe no país.

Em 2024, depois de exibir “Serra das Almas” na Première Brasil e na Mostra de São Paulo, você correu telas do festival IDFA, em Amsterdã, com “O Menino d’Olho d’Água”, um belo documentário feito em dupla com Carolina Sá, sobre o músico Hermeto Paschoal. Projetou ainda “A Última Banda de Rock”, .doc com foco no conjunto Cachorro Grande. Que rotas o documentário aponta para a sua trajetória autoral?

Eu acho muito bacana essa coisa de fazer ficção e documentário ao mesmo tempo e não necessariamente separar uma coisa da outra, porque o grande barato hoje é você passar dessas fronteiras. Sempre quis encarar desafios bem diferentes. No documentário, o grande barato é você sair de um lugar, entrar por vários desvios e tomar vários atalhos, sem saber exatamente aonde vai chegar.

Já grudou no “Rabo de Foguete”? O que esperar do teu Ferreira Gullar?

O que de mais importante há para se esperar de um filme é esperar que ele fique pronto. Espera é uma coisa muito maravilhosa. Estou aprendendo a fazer um filme político, mas poético também. Acho que é isso: poesia política.



'TOC TOC', de Laurent Baffie, apresenta cinco personagens com diferentes tipos de TOC que buscam se ajudar quando o médico não aparece

Risos à flor da pele

Comédia sobre manias, encontros inesperados e o poder da escuta segue em cartaz no Teatro dos 4

A comédia "TOC TOC", escrita pelo dramaturgo francês Laurent Baffie, retorna aos palcos brasileiros em nova montagem e segue em cartaz no Teatro dos 4, na Gávea. Sucesso de público desde sua estreia na França, em 2005, a peça foi traduzida para diversos idiomas e montada em dezenas de países.

No Brasil, já ultrapassou a marca de um milhão de espectadores.

O enredo parte de uma premissa simples, mas rica em possibilidades cênicas: seis pessoas com diferentes tipos de Transtorno Obsessivo-Compulsivo, o popular TOC, aguardam atendimento em um consultório, mas o médico não aparece.

Enquanto esperam, Branca,

Maria, Lili, Bob, Vicente e Fred revelam ao público suas obsessões, medos e manias, transformando a sala de espera num espaço de convivência forçada, repleto de situações cômicas e momentos de vulnerabilidade. As relações que se estabelecem entre eles oscilam entre o confronto e a cumplicidade. Sem um profissional à frente, eles decidem conduzir, por conta própria, uma espécie de sessão terapêutica improvisada. O resultado é uma sequência de cenas que equilibram o riso fácil com a delicadeza do olhar sobre o outro.

Branca, interpretada por Letícia Lima, tem horror à sujeira. Maria, vivida por Claudia Ohana, é uma religiosa dominada pela culpa de ter deixado portas e janelas abertas. Lili, papel de Sara Freitas, se repete compulsivamente. Bob, personagem de Miguel Menezes, busca simetria em tudo. Vicente, vivido por André Gonçalves, não consegue parar de fazer cálculos. Já Fred, interpretado por Daniel Dantas, convive com uma síndrome que o faz disparar palavrões incontroláveis. Jade Mascarenhas completa o elenco como a assistente do médico, figura que, ape-

sar de periférica, contribui para a construção do humor e da tensão contidos na trama.

O texto de Laurent Baffie — também conhecido por seu trabalho como roteirista e comediante, sempre atento às falhas de etiqueta da sociedade — é uma crítica bem-humorada às tentativas de enquadramento do comportamento humano. Ao lançar luz sobre os limites entre o excêntrico e o patológico, ele convida o espectador a reconhecer, com graça e desconforto, pequenas obsessões presentes no cotidiano de todos nós.

A direção é de Fernando Philbert, que conduz a encenação com leveza e precisão, apostando na escuta entre os atores e em um humor que nasce do estranhamento. A tradução e adaptação brasileira são assinadas por Gabriela Giffoni. O cenário de Aurora dos Campos reproduz a frieza de uma sala de espera clínica, contrastando com a crescente intensidade das relações em cena. O desenho de luz de Paulo César Medeiros reforça os climas de isolamento e aproximação que se alternam ao longo do espetáculo.

Com ritmo afiado e atuações

cuidadas, a montagem brasileira preserva o espírito original da obra, mas atualiza a atmosfera com gestos e expressões que aproximam os personagens do público local. O mérito do elenco está justamente na maneira como transforma caricaturas em figuras comoventes, sem perder o tempo cômico. O riso, aqui, não surge da zombaria, mas da empatia — da identificação com o que há de absurdo, desajeitado ou frágil em cada um.

"TOC TOC" é uma comédia construída sobre o inesperado. Faz rir sem esforço e pensar sem didatismo. Em tempos de individualismo, propõe escuta. Em tempos de urgência, propõe pausa. E ao tratar do TOC com respeito, leveza e inteligência, reafirma o teatro como lugar de encontro — entre manias e afetos.

SERVIÇO

TOC TOC

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até j30/6, às sextas (20h), sábados (18h e 20h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Por Affonso Nunes

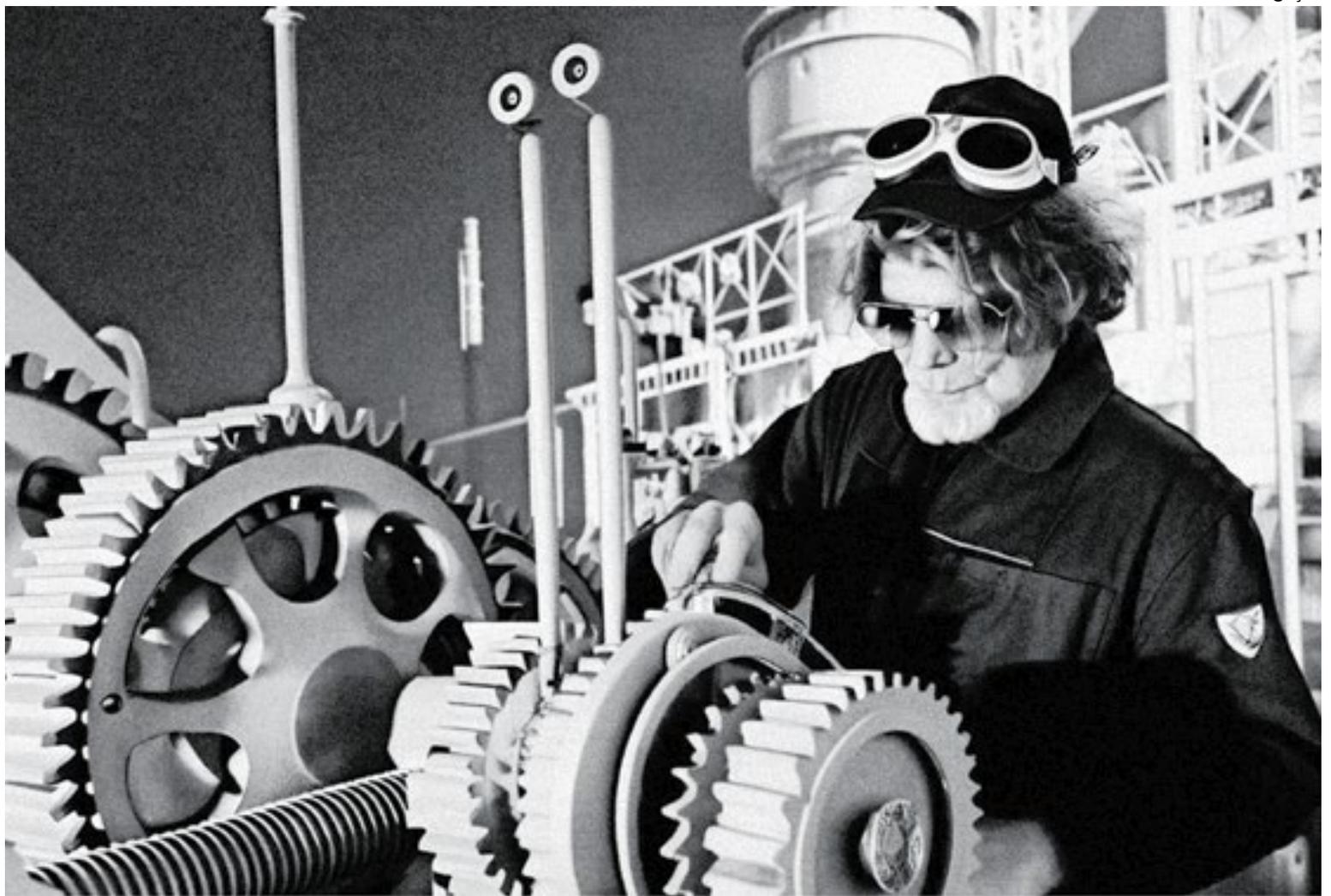
Os Titãs acabam de lançar o videoclipe da música “São Paulo 1”. Produzido com o uso de inteligência artificial, o trabalho conta com a participação de Branco Mello, Sérgio Britto e Tony Bellotto, que toparam o projeto após um convite do diretor Arnaldo Belotto. Com experiência ao lado de artistas como Lobão e Rogério Skylab, Belotto tem se dedicado à criação audiovisual por meio de ferramentas digitais.

Com mais de quatro décadas de estrada, os Titãs formam uma das bandas mais inventivas e longevas do rock brasileiro. Surgido no efervescente cenário paulistano dos anos 1980, o grupo sempre demonstrou vocação para experimentar linguagens e formatos, transitando entre o punk, o pop e a música eletrônica sem perder a identidade. A trajetória dos Titãs também se entrelaça com o desenvolvimento do videoclipe no Brasil: foi no auge da MTV, nos anos 1990 e 2000, que o grupo consolidou sua intimidade com a linguagem visual.

Clipes como “Flores”, com estética sombria e simbólica, marcaram presença nos primórdios da MTV Brasil. Em 2002, a banda venceu o prêmio de Melhor Videoclipe do Ano no VMB com “Epitáfio”, dirigido por Branco Mello e André Abujamra. O vídeo, sensível e direto, transformou a canção em um fenômeno popular. Outros trabalhos, como o videoclipe de “Cabeça dinossauro”, ajudaram a projetar a identidade visual da banda ainda nos anos 1980. Esse histórico reforça a afinidade dos Titãs com o universo audiovisual, agora renovada com a incorporação da inteligência artificial.

“A ideia surgiu quando o Arnaldo me procurou com a proposta de fazermos algo juntos”, conta Sérgio Britto. “Ele me mostrou dois clipes feitos com inteligência artificial e sugeri ‘São Paulo 1’. Logo compartilhei com o Branco e o Tony.”

Lançada em 2022 no álbum “Olho Furta-Cor”, a canção retrata o caos urbano sob uma ótica lírica. Para Britto, o tom visual proposto



Branco Mello em cena do clipe de ‘São Paulo 1’: o titã buscou referências do cinema expressionista alemão para a produção do audiovisual

Titãs em P&B com IA

Banda mergulha na estética expressionista e homenageia o poeta Haroldo de Campos em novo clipe feito com ferramentas de inteligência artificial

casou bem com a música: “Achamos que era uma boa faixa para esse tipo de linguagem”.

Branco Mello mergulhou na concepção do clipe a partir de referências cinematográficas para o audiovisual. “Pensei em algo inspirado em ‘Metrópolis’ e em ‘M, o vampiro de Düsseldorf’, ambos do Fritz Lang, misturado com cenas antigas de São Paulo: bondes, estátuas, fontes, multidões... Tudo editado no ritmo acelerado da música, em preto e branco, com alto contraste, algo meio punk. É uma homenagem à cidade e ao poeta Haroldo de Campos”, resume.

Tony Bellotto destaca justamente esse tributo como o ponto alto do vídeo. “O que mais me atraiu foi essa homenagem a um grande poeta paulistano. Achei uma sacada muito boa, a cidade sendo invadida e tomada pelos poemas dele.”

Com estética inspirada no expressionismo alemão, o clipe apresenta a metrópole em tons sombrios e intensos. Os músicos aparecem como operários de uma engrenagem urbana, enquanto versos de Haroldo de Campos surgem entre as imagens. Arnaldo Belotto, responsável pela direção, tem mais de 40 videoclipes no currículo e vem se especializando no uso criativo da inteligência artificial.

“Todas as nossas ideias foram incorporadas ao projeto”, diz Branco. “Acho que conseguimos um resultado forte e bem diferente de tudo o que já fizemos.” Sérgio Britto concorda: “Ficamos muito satisfeitos.”

“São Paulo 1” ganha assim uma nova camada visual, unindo poesia, música e tecnologia em uma leitura intensa da cidade.

Paulo-Roberto Andel

Será que é ele... Tom Waits?

Começo da noite, os jovens escoteiros marcam ponto no bar Sniff, fêmur de Copacabana, não porque bebericam, mas sim porque esperam seus líderes e chefes para um bate-papo qualquer - eles se reúnem no pátio da igreja aos sábados, mas se encontram em vários outros dias da semana, basicamente para conversa fiada.

No balcão, o crítico musical Arthur Laranjeira conversa com Paulinho Johrei, um vizinho delicado. Paulo, um dos garotos presentes no bar, fanático por rock, quase toma um susto ao ver que, no canto do balcão, há um desconhecido no local, aparentando ter cerca de quarenta anos de idade, usando um blazer surrado e um chapéu de abas curtas, bebendo um drinque que parecia até ser uísque:

“Fred, olha bem, presta atenção: eu estou ficando louco ou aquele ali é simplesmente o Tom Waits?”

“Cara, não pode ser, mas parece pra caralho! Mas se ele estivesse no Brasil, a imprensa ia noticiar...”

“Tem certeza disso?”

“Não.”

Tom Waits, o braço musical da literatura beat, discípulo de Jack Kerouac, Allen Ginsberg e principalmente William Burroughs. O cantor das noites de derrota, ds bêbados e mendigos, dos sem teto e sem rumo, das criaturas da noite, com sua mstura de jazz e blues cantada quase em grunhidos ferozes, viscerais.

O bardo ajeitava o chapéu, parecia estar desconfortável com aquilo e não olhava para o lado, obcecado visualmente por seu suposto drinque. A julgar verdadeira a análise de Flávio, o mais underground de

todos os compositores musicais estadunidenses tomava um trago em pleno bar do Seu Manel. E agora?

“Vai lá falar com ele?”

“Tou com vergonha, cara, é muito ídolo!”

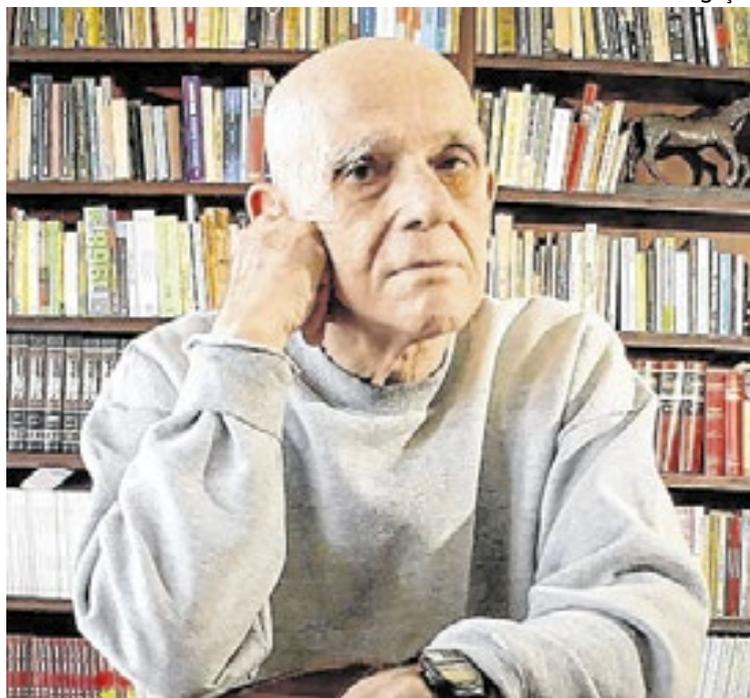
Os outros escoteiros olham com estranheza os cochichos da dupla, sem entender o que pode estar acontecendo. Fredão resolve matar a charada. Pede um minutinho de licença, interrompe um papo do jornalista Laranjeira e pergunta: “Seu Arthur, desculpe atrapalhar, mas é que o senhor entende muito de música, será que podia nos ajudar com uma dúvida? Discretamente, dá uma olhadinha atrás do senhor. Aquele homem ali no canto é o compositor Tom Waits?”

Arthur se vira: “Mas quem?”

Não havia mais ninguém no lugar do suposto Tom Waits. Sumiu. Evadiu-se sinistramente. Fred chamou Paulo, que não viu o desaparecimento do bebum, os dois foram na direção dos outros escoteiros, mais afastados: “Vocês viram aquele moço que estava tomando um uísque ali no canto?”

“Ué, ele tinha pego o copo e ido na direção de vocês, pensei que o conhecessem”.

De longe, Arthur girava o dedo indicador perto da orelha direita, simulando o gesticular de loucura. A seu lado, o sorridente e enigmático Paulinho Johrei fitava os jovens conversando, tentando entender o contexto roqueiro. Paulo e Fred, incrédulos, tentavam entender o que tinha se passado, sem nenhuma pista. Se esteve no Sniff’s, Tom Waits foi um mestre em sartar de banda e dar no pé. Foi em 1989, mas podia ter sido em 2020.



Divulgação

Avesso a badalações, Rubem Fonseca detestava ser fotografado e nunca deu entrevistas

Um mimo para os leitores

Nova Fronteira prepara edição completa da obra de Rubem Fonseca no centenário do autor

Por **Maurício Meirelles**
(Folhapress)

Até agora, quem quisesse uma edição dos contos completos de Rubem Fonseca só conseguiria fazê-lo em espanhol: desde 2018, a editora Planeta da Argentina publica em três volumes toda a ficção breve do escritor, pelo selo Tusquets.

Os volumes em espanhol, diga-se, já não eram tão completos assim. A compilação terminava em “Amálgama”, de 2013, e Rubem Fonseca ainda publicou mais três livros depois disso: “Histórias Curtas” (2015), e “Calibre 22” (2017) e “Carne Crua” (2018).

Agora, como parte das celebra-

ções do centenário do autor, no próximo dia 11, o público brasileiro vai ter acesso a todos os contos dele. A Nova Fronteira, casa do escritor, vai lançar em maio uma edição com os contos completos - acrescidos de dois inéditos, escritos na juventude, antes de sua estreia literária, com “Os Prisioneiros” (1963).

“Natal” e “Arinda”, escritos em 1943, foram descobertos pela filha de Rubem Fonseca, Bia Corrêa do Lago, no acervo que encontrou na casa do pai, depois de sua morte em 2020. “Achei muitos contos da juventude. Esses dois são de quando ele tinha 20 e poucos anos, mas tem muitos com 17, 18 ou 19 anos”, afirma Bia.

Antes disso, a última reunião tão ampla da ficção breve de Ru-

bem Fonseca tinha sido nos anos 1990, quando a Companhia das Letras, sua então editora, tinha lançado “Contos Reunidos”, com um posfácio de Boris Schnaiderman. Mas o autor ainda publicaria 11 livros depois. Para a compilação de agora, a família de Rubem transmitiu à editora as correções feitas pelo próprio escritor em seus exemplares, ajustes que ele morreu sem ter repassado.

Além dos dois inéditos, o acervo deixado pelo escritor ainda deve render mais. Bia trabalha em uma fotobiografia do pai, prevista para novembro, a partir de imagens encontradas no arquivo. O livro vai ser publicado pela editora Capivara. É um trabalho que vai não só engrossar a parca iconografia de um autor que escapava da imprensa, mas também revelar aspectos de sua vida que até a filha conhecia pouco. As fotos mostram o autor em situações como uma visita a Carmen Miranda em Los Angeles, em 1954, ou entregando um envelope a Pelé - num ano em que ele teve a ideia de presentear os jogadores da seleção brasileira com ações da Light, onde era executivo.

Além dos dois lançamentos, a obra de Rubem Fonseca vai ser tema de um seminário internacional na PUC-Rio, organizado pelo professor e crítico Karl Erik Schollhammer. O evento acontece entre 6 e 8 de maio e vai reunir pesquisadores do Brasil e do exterior. “Queria que o evento fosse um incentivo a uma releitura da obra de Rubem, acho que a visão e a interpretação da obra dele anda muito estanque”, diz Schollhammer.

O crítico acha que o autor acabou perdendo espaço nos estudos literários atuais na universidade e que há espaço para discutir o legado dele. “Não há dúvidas de que ele de certa maneira inicia o fenômeno da literatura contemporânea brasileira, que combina o experimental com o lado realista de uma literatura urbana”, afirma. “Rubem Fonseca para mim está ligado a uma questão existencial, que é a violência que brota nas relações. Acho que há uma leitura meio cega [para esse ponto] e essa questão merecia ser reinterpretada.”

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

deiafix vai latir um tantão este ano. Seus donos, os gauleses mais famosos de toda a cultura pop, invadem prateleiras das livrarias, grades de streaming e até as galerias do Museum für Kommunikation Berlin. Vai ter Astérix e Obélix por todo o lado daqui até o fim do ano, sendo que a atração com data mais próxima da população brasileira estreia nesta quarta, na Netflix.

A plataforma vai receber a minissérie “O Combate dos Chefes” daqui a dois dias. É uma animação serializada. Em sua trama, o druida Panoramix esqueceu a receita da poção mágica. Sobra para os devoradores de javali de sua vila a missão de salvar a pátria da invasão romana. Alain Chabat é quem empresta a voz a Astérix na versão original da França, terra dos criadores dessa HQ memorável: René Goscinny (1926-1977) e Albert Uderzo (1927-2020). Entre nós, Alexandre Moreno dubla o tampinha de temperamento esquentado e de coração macio que há de mobilizar uma horda de leitores, no fim do ano, em 23 de outubro com o lançamento de um quadrinho inédito, hoje em finalização, ambientado nas terrinhas peninsulares onde fica Portugal.

“Astérix en Lusitanië” conta com a arte de Didier Conrad, quadrinista hoje responsável por dar sequência às peripécias gráficas do guerreiro criado na revista “Pilote”, em 29 de outubro de 1959. Ele e o roteirista Jean-Yves Ferri já trabalharam no universo de Goscinny e Uderzo antes em “A Filha de Vercingetorix”, lançado entre nós pela Ed. Record.

No apagar das luzes de 2024, a editora, localizada em São Cristóvão, colocou à venda um tijolo de 152 páginas, chamado “Astérix Omnibus”. O álbum compila missões clássicas do personagem. Uma das historietas se ambienta na Lutécia, onde os protagonistas precisam encontrar uma nova foice para Panoramix.

Não é só lá que esse sábio clérigo da floresta encontra destaque. Em terras germânicas, o público berlinense e turistas afoitos por salsichas e cervejas podem se deleitar com a exposição “Uderzo – De Astérix à Poção Mágica”, inaugurada em 6 de fevereiro. Ela segue até 15 de junho, no Museu da Comunicação de Berlim com foco na relevância de Astérix para o mercado editorial da Europa. Edições antigas estão entre os itens expostos, assim como fotos de época e bonecos. Panoramix está entre as figuras revisitadas pela curadoria.

Enquanto “Astérix na Lusitânia” não chega por aqui, dá para matar as saudades da cria de Uderzo e Goscinny na já citada Netflix, às



Minissérie da Netflix estreia esta semana abordando a luta dos gauleses contra invasores bárbaros

Invasão gaulesa

Com longa de sucesso na Netflix, Astérix e Obélix ganham minissérie animada no streaming, viram tema de exposição em Berlim e preparam retorno às livrarias com quadrinho inédito



As aventuras de Astérix e Obélix na Península Ibérica dão sequência ao legado de Goscinny e Uderzo

Astérix Omnibus, uma edição de luxo que reúne várias histórias dos heróis gauleses



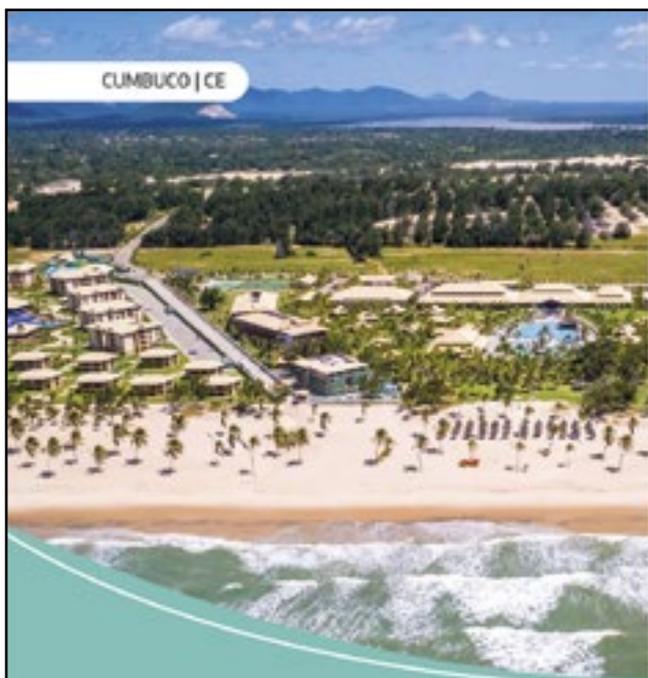
vésperas de “O Combate dos Chefes” estrear, com o longa-metragem mais recente da franquia, “L’Empire du Milieu”. Ele foi lançado em 2023 no circuito exibidor do Velho Mundo, mas acabou sendo esnobado pelas nossas salas de projeção. O filme vendeu 4,5 milhões de tíquetes em telas francesas.

Divertidíssimo, “Astérix e Obélix no Reino do Meio” (esse é o título por aqui) conta com Guillaume Canet na direção e no papel principal. Sua arrecadação nas bilheterias está estimada em cerca de US\$ 45 milhões. É uma receita astronômica para o padrão francês recente.

Em anos passados, Astérix já fez as salas de sua pátria lucrarem aos tubos. Em 2002, quando o gaulês estrelou “Missão: Cleópatra”, 14.559.509 franceses compraram ingressos pra prestigiar o personagem de Uderzo e Goscinny. Antes, em 1999, quando Gérard Depardieu assumiu o papel de Obélix, numa hilária versão em carne e osso do quadrinho, 8,9 milhões de pagantes foram assistir sua aventura. Mas as cifras do novo longa da série em outros cantos do mundo, onde estreou em salas exibidoras, subiram sem parar.

Além do desempenho de Canet como Astérix (em hilária atuação), seu amigo pessoal e muitas vezes colega de tela Gilles Lellouche, galã, diretor e ás de arrecadações milionárias (vide “Um Banho de Vida”), encarna Obélix com o carisma a mil. O papel do Imperador César, eterno vilão dos gibis do personagem, foi confiado a Vincent Cassel. Vemos ainda uma Cleópatra vivida por Marion Cotillard, diva da obra de Canet. A química entre Marion e Canet, na telona, é das mais eficazes em termos de mobilização popular, como prova a parceria deles em fenômenos de faturamento como “Até a Eternidade” (“Les Petits Mouchoirs”, 2010) e “Estaremos Sempre Juntos” (“Nous Finirons Ensemble”, 2018), vistos por 5,3 milhões de pagantes e 2,7 milhões de espectadores respectivamente.

Na trama de “O Reino do Meio”, a filha do imperador chinês foge de seu reino e pede ajuda aos gauleses para poder ser livre de amarras políticas familiares. Astérix e Obélix vão ajudá-la, mas terão de usar seus poderes ao máximo para encarar os desafios políticos e éticos impostos por César e outros adversários.



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

